

DESTRUIÇÃO DE LEITORES E SOBREVIVÊNCIA DOS VAGALUMES: NOTAS SOBRE A LITERATURA QUE (NÃO) SE APRENDE NA ESCOLA

Ederson Luís Silveira¹

RESUMO

O presente texto de natureza ensaística² tem um propósito: falar sobre o exterior que constitui a literatura, ou, mais especificamente, do aglomerado de escrituras que se convencionou historicamente chamar literaturas enquanto um feixe de obras que não terminaram de dizer o que tinham para dizer e enovela-se a partir do argumento da existência da literatura como linguagem do exterior. No escopo de reflexões acerca do ensino de linguagens, a literatura não pode se reduzir a um terreno de fórmulas a ser apreendidas para aprovação em alguma disciplina escolar ou para o ingresso na universidade. Isso porque ela constitui a possibilidade de encontro com o vazio, o simulacro, a transgressão, a morte das certezas e a abertura de possibilidades.

Palavras-chave: Formação de leitores; Incompletude; Ensino.

DESTRUCTION OF READERS AND SURVIVAL OF VAGALUMES: NOTES ABOUT THE LITERATURE THAT (NO) IS LEARNED IN SCHOOL

ABSTRACT

The present paper of essayistic nature has a purpose: talking about the outside world which is the literature, or, more specifically, the cluster of Scriptures that so-called historically calls literature while a beam of works that are not done to say what they had to say and encompasses the argument of the existence of literature as foreign language. In the scope of reflections about the teaching of languages, literature cannot be reduced to a formula plot being seized for approval in any discipline or school to the University. That is because she is the possibility of meeting with the emptiness, the simulacrum, transgression, death of certainties and the opening of possibilities.

Key words: Readers formation; Incompleteness; Teaching.

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Mestre em Linguística pela mesma instituição, pós-graduando em Ontologia e Epistemologia e membro pesquisador do Grupo de Formação de Professores de Línguas e Literaturas – FORPROLL/CNPq. E-mail: ediliteratus@gmail.com

² O presente trabalho é a continuação de uma iniciativa teórico-ensaística do autor que resultou também em outros textos publicados, respectivamente, nos anos de 2014 e 2015 (SILVEIRA, 2014; SILVEIRA & AGUIAR, 2014; SILVEIRA, 2015) que permeiam questões relacionadas à incompletude constituinte da escritura.

Começar um texto é sempre uma tarefa difícil, sobretudo porque aquele que escreve não sabe necessariamente até onde o texto irá ou que rumos podem as palavras tomar a partir do primeiro vestígio de tinta depositado no papel. Advém disso, portanto, que escrever é uma tarefa que se opera frente ao desconhecido. Parece estranho dizer que aquele que escreve não sabe até onde suas palavras podem chegar ou que efeitos elas podem produzir naqueles que as receberem quando entregue ao público (até mesmo a incógnita da possibilidade de haver público para o que se escreve não pode ser ignorada).

Para adentrar os meandros dos bosques da ficção a partir da crítica que visa atuar como o farol de Alexandria a iluminar os textos que se propõe investigar, torna-se necessário escrever cada vez mais não sobre o que vem a ser literatura, justamente talvez porque esta seja uma das questões que faz com que, a cada vez que nos aproximemos dela, se afaste de nós mais um pouco a cada passo que damos. Ao invés de tentar transpor as fronteiras entre o real e o representado, como se estes se antepusessem, partiremos aqui de um movimento diferente: real³ e ficção se entrelaçam ao mesmo tempo em que são reconfigurados incessantemente através da literatura.

Não é um texto que se propõe assentado sobre explicações dicotomizantes, portanto. Trata-se de um texto com cara de paradoxo, já que podemos nos ancorar em Blanchot que se torna desde então o cicerone cujas palavras aqui terão aparição para que sejamos guiados durante as reflexões que aqui propusemos. Dessa forma, cabe-nos com Blanchot antecipar o lugar da escrita nas reflexões acerca da literatura,

³ Toma-se aqui o conceito de real a partir de uma concepção psicanalítica caracterizado pela impossibilidade de tudo englobar, marcado pela incompletude fundante.

situando-a no escopo de um terreno que ao invés de trazer “traduzibilidades” confortantes faz, ao invés disso, nos encontramos com algo que escapa a todo instante “[...] assim como a escrita se lê sob a forma de algo, de um fora de um algo condensando-se em tal ou qual coisa, não para designá-la, mas para inscrever-se ali *no movimento de ondas das palavras itinerantes*” (BLANCHOT, 2011, p. 77, grifos do autor). Neste contexto, o exterior e a escrita são lidos como algo fora de si mesmos para além dos limites da linguagem “[...] à espera de um olhar mais amplo, de uma possibilidade de ver, de ver sem nem sequer as palavras que significam a visão [...]” (BLANCHOT, 2011, p. 77)

Trata-se, para seguir adiante mesmo em meio a estranhamentos vários, de ter outros olhos, ao invés de buscar outras paisagens, como diria Proust. É preciso desconfiar das interpretações que têm a pretensão de engaiolar a literatura em “esquemas” e continuidades. A literatura, assim, tem a característica de frequentemente instaurar efeitos a partir da descontinuidade, de reformular-se, de encontrar sempre lacunas naquele que lê.

Quando Roland Barthes apresenta a tese da morte do autor, ele não está dizendo que deixa de existir o indivíduo que escreve, mas que a obra se expande para um contexto maior que o simples retorno a uma origem unificadora que detivesse “os segredos” da escritura. Isso porque, em 1968, quando é publicada “A morte do autor” a escritura é apresentada como “[...] destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo aonde foge nosso sujeito, o branco-e-preto, onde vem se perder toda identidade” (BARTHES, 1984, p. 65). Ao abrir mão da noção de identidade, Barthes está aludindo a

qualquer ação unificadora e reconfortante que vise limitar os terrenos do literário fazendo com que se reduzam os efeitos da obra aberta que fala com o passar dos tempos e escapa sempre um pouco a cada leitor e em cada época instaura novos dizeres. Dessa forma, morre aquele que escreve para que a escrita se movimente em relação a si mesma, através da identificação com a própria experiência desdobrada, onde ocorre “[...] a abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer” (FOUCAULT, 2001, p. 268).

É preciso que aquele que escreve desapareça estilhaçando-se através daquilo que escreve, mas isso não ocorre de forma consciente e autônoma, porque o texto literário é terreno de um “mosaico de citações”, como diria Julia Kristeva, em que ocorrem estilhaçamentos múltiplos de sentidos que situam a literatura enquanto um conjunto de signos em contínuo devir. Sobre o real, cabe acentuar que não se pode adotar uma posição ingênua de apenas dicotomizá-lo fazendo parecer que este seria a antítese do irreal (sendo o segundo, sob esta lógica, sinônimo do ficcional), pois, o real, conforme Barthes, escapa ao discurso, já que não equivale, “[...] em termos topológicos, espaciais, a ordem pluridimensional do real com a ordem unidirecional da linguagem. Desse modo, a literatura é realista quando ela toma por objeto de desejo a representação do real [...]” (GAMA-KHALIL, 2013, p. 156). No entanto, para Gama-Khalil (2013), a literatura também é irrealista, pois seu fazer se institui a partir do desejo do impossível, através de uma contradição topológica.

Se, ao escrever opera-se um movimento impregnado no papel em branco um líquido enegrecido que produz formas distintas mar-

cando a folha com esta e não aquela palavra é aí que reside a paradoxalidade da literatura conforme Barthes e Blanchot. Pois se o real é pluridimensional - e a linguagem é unidirecional no sentido que aqui exemplificamos através do ato físico de escrever - é porque o real encontra-se no terreno de bifurcações múltiplas que vai possibilitando reverberações de sentidos outros a cada leitura no encontro com sociedades e épocas diferentes e aí está o impossível da literatura.

Não é que nenhuma interpretação “estável” seja possível, mas que toda interpretação se assenta sob o solo movediço da lacuna, do inconcluso. Toda interpretação se abre para o desconhecido no instante em que busca “recortar” o irrecortável: o real que esvai pelas beiradas das classificações periódicas dos manuais escolares. O que não dá para entender é como através da escolarização da literatura se preze cada vez mais pelo ensino através de fórmulas engaioladoras de “macetes” tidos através da cronologização de períodos uniformizadores, ao apresentar aos estudantes não a literatura enquanto prática (esta muitas vezes é relegada aos porões disciplinares através de excertos previamente estipulados), mas apenas através do recorte, do imbrincamento ao período histórico a que cada obra “pertence”, do pedaço desconexo do todo. A literatura perde então a característica de trazer os murmúrios das épocas nas quais ela foi ressurgindo a cada leitura.

Desse modo, as leituras do mundo não são as mesmas após a leitura da palavra, como bem apreendeu Paulo Freire. Depois de ir ao encontro com o “ser” da literatura, não mais podemos continuar sendo os mesmos. Isso porque a literatura tem esta capacidade de transformar vivências, somar experiências através do olhar inebriado pelas escrituras que

nos fazem perceber com Max Weber que somos animais enovelados a teias de sentidos que nossos antepassados teceram. Nesse contexto, a literatura não se reduz a um terreno de fórmulas a ser apreendidas para aprovação em alguma disciplina escolar ou para o ingresso na universidade. Ela é o encontro com o vazio, com o simulacro e a transgressão, com a morte das certezas e a abertura de possibilidades. A experiência literária, dessa forma, “[...] insere-nos em um espaço paradoxal, porque nos [escritor e leitor] retira do mundo e, de forma desdobrada, coloca-nos de novo nele; porém, já não é mais o mesmo mundo” (GAMA-KHALIL, 2011, p. 158).

Em 2009, um cientista político com formação *stricto sensu* em Ecologia apresentou dados explicativos sobre um fenômeno que vinha sendo percebido há algum tempo. Desde a década de 60, os vagalumes começaram a desaparecer na Europa. Para ele, isso se deu a partir de um marco: a substituição de lâmpadas incandescentes na região por outras mais potentes. Como, para acasalarem, os referidos insetos emitem uma tênue radiação para atrair o parceiro, com a substituição das lâmpadas e a intensidade da luz que saía das novas luminárias e postes públicos ultrapassava a luz emitida por eles, isso fez com que não emitissem mais radiações já que, esta é a reação destes insetos quando o nível de iluminação ambiente torna-se superior a 0,5 lux. Diminuindo a incidência de acasalamentos, foram aos poucos se extinguindo também os insetos.

A partir do tema, o filósofo e historiador de arte Georges Didi-Huberman (2011) passou a levantar alguns questionamentos: teriam os vagalumes sumido ou sobrevivido apesar de tudo? Essa apropriação de um fato científico para

o terreno das artes como o fez Didi-Huberman na obra *A sobrevivência dos vagalumes* tornou possível pensar acerca da literatura (SILVEIRA, DERING & LIMA, 2016): que resta da literatura nas escolas após a incandescência cada vez mais escancarada dos manuais com respostas prontas e antecipações de interpretações possíveis que abortam a fruição e o “ser” da literatura enquanto experiência com o fora que constitui a linguagem e, portanto, aberto ao desconhecido e desvelador de outros mundos possíveis na relação com as leituras de mundo e as leituras da palavra? Estaria a literatura enquanto prática, assim como os vagalumes europeus, fadada a esvaecer cada vez mais expressivamente? Se a mediação no ensino é indispensável para situar a literatura no período em que as obras tiveram aparição, o ensino não pode estacionar neste gesto, visto que deveria possibilitar encontros efetivos com a leitura.

A escola não pode continuar sendo aquilo que Jéferson Assunção em 2000 chamou de “máquina de destruir leitores” ao inserir a literatura a partir do viés sacralizador que a distancia dos estudantes fato este corroborado pela ação de inserir leituras como obrigatórias para posterior conferência em trabalhos avaliativos que são prescritos a partir de antecipações do que se espera como resposta. Para respostas prontas ou estabelecidas *a priori* a literatura não basta, não é a ela que recorreremos, mas ao espírito engessador dos manuais. Na contramão dessas experiências desoladoras, cabe então perguntar, com Ezequiel Theodoro da Silva (2010, fragmento da contracapa): “Mas que diabos! Será tão difícil assim criar o amor pelos livros, o gosto pela leitura? Será que a fruição da palavra impressa se transformou num bicho de sete cabeças e não há como resolver o problema?”

Neste contexto, o que passa a ser defendido no presente ensaio é a extinção dos argumentos aprioristicamente tomados para “explicação” da literatura na escola e a possibilidade de pensarmos, enquanto professores, em visões mais amplas, possibilitadas pelas experiências diversas tantas quantos forem os leitores que tiverem contato com a literatura. Se para Jorge Larrosa e Walter Kohan (2002) com Foucault aprendemos que é a experiência e não aquilo que colocamos no lugar do verdadeiro que dá sentido à escritura, onde nos situamos, enquanto leitores distantes do lado de fora, sempre lacunar da obra literária? Conforme podemos aprender sobre a interpretação da literatura com Paul Celan, através de Blanchot (2011, p. 85, grifos do autor), estamos, quando falamos assim com as coisas, “*sempre em vias de questioná-las para saber de onde vêm e para onde vão, pergunta sempre aberta, interminável, indicando o Aberto, o vazio, o livre – ali onde estamos distantes do lado de fora*”. Assim podemos perceber a leitura como “[...] aquela capaz de gerar a reorganização das experiências do leitor ao nível individual e, ao nível coletivo, aquela capaz de gerar o máximo de conflito entre as interpretações” (SILVA, 2010, p. 19). Dessa forma, a discussão e o debate incentivado a partir da leitura de textos literários e mediação necessária para que ocorra sem alibis pró-vestibularianos só faz enriquecer os leitores na partilha de experiências.

Nesse contexto, o estudioso búlgaro Todorov (2009) tece uma crítica em relação ao ensino institucionalizado da literatura na França que pode se estender ao ensino de literatura em geral: ao ler literatura não se tem a constituição de especialistas em literatura nem deve ser esta a função última da mesma. O que a literatura faz é tornar os leitores conhecedores da humanidade.

Literatura encontra-se em perigo no mundo da tecnicização e da hipervalorização do discurso científico imediato, que visa resultados comprováveis e verificáveis. Assim, o ensino, para o autor búlgaro mencionado deve se pautar mais nos sentidos que a literatura pode suscitar e menos no estudo das formas do texto. Assim, para que não seja reduzida ao absurdo, nas palavras de Todorov, ela não pode continuar sendo projetada mecanicamente isso porque ensinar literatura não é construir um edifício e pautar-se nos andaimes do prédio depois de pronto. É isso que alguns professores fazem quando antecipam interpretações, cerceiam limites estipulados previamente pelos manuais e utilizam textos em sala de aula como recurso para tratar de questões relativas ao modo composicional dos textos. A escola não pode continuar sendo uma máquina de destruir leitores e quando a leitura ocorre só para o vestibular ou para depósito regurgitado de respostas em exames, é o que ocorre, muitas vezes. Para isso, é preciso que os vagalumes sobrevivam e não feneçam suas luzes em meio à “claridade” incandescente dos livros de resposta.

Cabesinalizar, cada vez mais, que a literatura enquanto texto inacabado, sempre por vir, através das interpretações que vão somar-se com o passar dos tempos não pode ser abortada por causa do cerceamento dos manuais e das práticas tradicionais de ensino. Neste contexto, temos a recusa da utilização da palavra **aprendizagem**, pois apenas a reverberações de fórmulas a serem repetidas não produz criticidade e tampouco transformações nos modos de ver o mundo. É preciso que não se aborte o encontro com o vazio, com as lacunas e as descontinuidades inerentes da literatura. É preciso reconhecer a abertura da diferença ao sabor do resgate na problematização

e na obra aberta a movimentos diversos, em relação a outros textos e épocas, inclinando-se na direção das fendas, das rupturas, ao invés de esmorecer o impacto da escritura na vida daquele que lê. Sobretudo, portanto, não enjaular sentidos buscando-os na biografia daquele que escreveu ou apenas na época em que foi produzida a literatura que tiver em mãos. Esse se torna hoje um dos mais caros ensinamentos de Blanchot, Barthes, Foucault e tantos outros para quem “[...] a crítica era um trabalho. Ler um livro, falar de um livro era um exercício ao qual as pessoas se dedicavam, de certo modo, para [...] transformarem a si mesmas” (ERIBON, 1996, p. 129).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSUMÇÃO, J. **Máquina de destruir leitores**. Porto Alegre: Sulina, 2000.
- BARTHES, R. “A morte do autor”. In: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 65-70.
- BLANCHOT, M. **Uma voz vinda de outro lugar**. Trad. Adriana Lisboa. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Sobrevivência dos vagalumes**. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.
- ERIBON, D. **Michel Foucault e seus contemporâneos**. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- FOUCAULT, M. “O que é um autor?”. In: FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. (Ditos & Escritos vol. III). Rio de Janeiro: Forense, 2001, p. 264-298.
- GAMA-KHALIL, M. M. “Foucault, Blanchot e Barthes: diálogos possíveis sobre os espaços

literários”. In: MARQUES, Welisson; CONTI, Maria Aparecida; FERNANDES, Cleudemar Alves (orgs.). **Michel Foucault e o discurso: aportes teóricos e metodológicos**. Uberlândia: EDUFU, 2013, p. 151-168.

LARROSA, J.; KOHAN, W. “Apresentação da coleção”. In: RANCIÈRE, Jaques. **O mestre ignorante - Cinco lições sobre a Emancipação Intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 1-38.

SILVA, E. T. da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 11ª ed. Campinas: Leitura Crítica, 2010.

SILVEIRA, E. L. A escrita e as vestes do entremeio: sobre a voz que vem de outro lugar e o vazio que nos constitui. **Contemporartes: revista semanal de difusão cultural**, v. 160, p. 1-1, 2015.

SILVEIRA, E.L. Das reticências e incompletudes: sobre escritas e percursos entre o que vemos e o que nos olha. **Travessias (UNIOESTE)**, v. 08, p. 330-339, 2014.

SILVEIRA, E. L.; AGUIAR, G. P. S. Entre vivências e experimentações: a experiência pelo viés do limite. **Panorâmica (UFMT. Pontal do Araguaia)**, v. 17, p. 90-97, 2014.

SILVEIRA, E. L.; DERING, R. de O.; LIMA, O. da S. L. Sobre insistências e reminiscências do eco: a literatura e o viés dos vagalumes que ainda resistem, **Imagens da Educação (UEM)**, v. 6, n. 1, p. 13-23, 2016.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.